



## **A IDENTIDADE DE GÊNERO (FEMINILIDADES E MASCULINIDADES) NA MÍDIA E NAS PRÁTICAS CORPORAIS: PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM REVISTAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA DE 2000 A 2008**

Taise Maurici Nunes<sup>1</sup>  
Maria do Carmo Saraiva<sup>2</sup>

### *INTRODUÇÃO*

Apesar da importância que as questões de gênero têm assumido na pesquisa acadêmica nas últimas décadas, em especial em disciplinas como história, antropologia, sociologia, psicologia, enfermagem, literatura e educação, pode-se dizer que a temática ainda não está consolidada na área da educação física no Brasil.

Considerando-se que gênero é uma categoria fundamental na vivência das práticas corporais na educação física, no esporte e no lazer e que a dimensão de gênero está presente no amplo âmbito de relações que a prática da educação física abrange, supostamente deve ser alvo de pesquisas e ter presença marcante na produção científica da área. Contudo, parece que a temática não tem despertado a devida atenção, evidenciando o pouco entendimento do processo pelo qual corpos de homens e de mulheres são construídos, sexualizados e controlados mediante o esporte, a atividade física, a educação física e a mídia, gerando frequentemente os equívocos no entendimento e tratamento do conceito gênero<sup>3</sup> dentro da área, que incorre na noção errônea deste conceito como sexo<sup>4</sup>.

Considerando isso, este trabalho investe na possibilidade de refletir sobre os aspectos que vem sendo abordados na produção de gênero na educação física e de contribuir para o incremento da problemática constituinte de gênero no âmbito das discussões da área. O trabalho faz parte do levantamento de pesquisas sobre gênero publicadas na área da educação física, no Brasil, entre os anos de 2000 e 2008 e este recorte buscou analisar os trabalhos referentes à *construção das identidades de Gênero na mídia, na EF e nas práticas corporais não escolares* e identificar alguns elementos teóricos constituintes dessas produções.

---

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física, DEF/CDS/UFSC. Bolsista PIBIC/UFSC/CNPq-2009.  
taisemn@hotmail.com.

<sup>2</sup> Profa.Dr<sup>a</sup> DEF/CDS/UFSC.

<sup>3</sup> O conceito gênero tem um caráter relacional que se refere à masculinidade e feminilidade socialmente convencionadas.

<sup>4</sup> O conceito sexo define homem e mulher pelo seu equipamento biológico.



## METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo, que buscou estabelecer o status do conhecimento numa área de interesse (THOMAS; NELSON, 2002). As fontes de informações foram impressas e/ou *on-line*, e constituem publicações científicas que nos permitem seguir a evolução dos fenômenos e das situações no tempo, como propõem Laville e Dionne (1999) para este tipo de pesquisa.

Previamente realizou-se um levantamento na plataforma Qualis/Capes de todos os periódicos de circulação nacional e internacional, de categorias A, B e C<sup>5</sup>, válidos para a área da educação física, provenientes das demais áreas do conhecimento. Após, fez-se a seleção das revistas que eram exclusivas da área da educação física, com edições disponíveis *online* e/ou impressas de fácil acesso, como é o caso da Revista *Motrivivência*<sup>6</sup>, já reconhecida no trabalho de Lessa (2005).

A identificação dos artigos sobre gênero aconteceu em 14 revistas consideradas de significativa circulação na área da Educação Física<sup>7</sup>. Para seleção dos artigos, fez-se a busca por temas/termos como *educação física e gênero, esporte e gênero, educação física e sexualidade; mulheres no esporte, diferenças e igualdade, homossexualidade, representações de masculinidade e feminilidades, mídia e imagens de gênero*, etc. A opção para o recorte de conteúdos foi pelo modelo misto, aquele em que as categorias tanto são selecionadas no início, quanto são modificadas e/ou acrescidas, em função do que a análise apontava. A forma preferencial desse recorte foi em temas, isto é, fragmentos que correspondem cada um a uma idéia particular. Segundo Laville e Dionne (1999, p 217), isto se deve ao fato de que “a pesquisa dos temas pode melhor aproximar o pesquisador do sentido do conteúdo, pois ele se vê obrigado [...] a construir suas unidades de análise a partir de sua compreensão desse conteúdo”.

Todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra e analisados. Foram encontrados 90 artigos (pesquisas nacionais) no período delimitado para a busca, de 2000 a 2008 e 26<sup>8</sup> artigos foram identificados na categoria “A identidade de gênero (feminilidades e masculinidades) na mídia e nas práticas corporais”. A seguir, os resultados pertencentes à seleção e categorização referente à temática referida e a reflexão inicial sobre algumas questões propositivas encontradas.

<sup>5</sup> Esse levantamento foi anterior à mudança de critérios do Qualis/Capes que aconteceu em Abril de 2008.

<sup>6</sup> Quando da coleta de dados, segundo semestre de 2008, ainda não se encontrava *online* o conteúdo da *Motrivivência*.

<sup>7</sup> *Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Brasileira de Educação Física e Esportes; Revista Movimento; Revista Motrivivência; Revista Motriz; Revista de Educação Física da UEM; Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano; Revista Movimento e Percepção; Revista Pensar a Prática; Revista do JOPEF; Revista Arquivo e Movimento; Revista Esporte e Sociedade; Revista Ciência e Movimento e Revista Mackenzie.*

<sup>8</sup> Destes, apenas um artigo não foi encontrado *on-line*, apesar de outros, do mesmo periódico estarem disponíveis.



## *A IDENTIDADE DE GÊNERO (FEMINILIDADES E MASCULINIDADES) NA MÍDIA E NAS PRÁTICAS CORPORAIS*

O presente trabalho envolveu pesquisas, que foram publicadas em periódicos da área da Educação Física, sobre a produção de identidades de gênero (feminilidades e masculinidades), abarcando ou não com os aspectos da discriminação dessas identidades, tendo ênfase nas pesquisas em mídia e nas práticas corporais não-escolares: esporte, lazer, fisiculturismo, educação somática e outras.

A feminilidade, o corpo feminino e suas representações são temas presentes na maioria dos artigos pesquisados, especialmente naqueles que tratam das mídias, dos esportes ou outras práticas corporais. As representações sociais ganham peso na análise da cultura, como modo de produzir significados e são, assim, formas significativas que se reproduzem nas relações de poder. Segundo Andrade (2003, p. 120) “é através dessas relações de poder que se estabelecem, também, no meio midiático, que o corpo feminino é significado e representado de um modo e não de outro ou, ainda, representado de múltiplas formas”.

As imagens da feminilidade ganharam corpo nas pesquisas em mídia impressa, especialmente em revistas e jornais, totalizando 9 das 26 pesquisas nesta categoria. Apenas uma pesquisa analisou os conteúdos de uma revista voltada ao público masculino abarcando questões sobre a construção de masculinidades. A mídia é um dos grandes disseminadores dos papéis femininos e masculinos, ela aparece como um articulador da procura pelo corpo perfeito difundindo estereótipos de beleza a serem seguidos (GONÇALVES; MUNARIM; GONÇALVES, 2002).

Nas pesquisas que analisaram as feminilidades, quatro relacionavam a mídia e o esporte. Nestes artigos, foram analisados a importância, os tamanhos, as quantidades e os discursos sobre os esportes femininos em jornais com grande circulação nacional. Segundo Souza e Knijnik (2007), alguns estudos internacionais mostram como a mídia desportiva privilegia os esportes masculinos, quando comparados aos femininos, e apesar da crescente participação das mulheres em eventos desportivos de competição, as mesmas ainda são submetidas a estereótipos, sobretudo relacionados ao corpo e à sexualidade. Os artigos analisados nesta pesquisa apontam que, nos esportes masculinos, as reportagens privilegiam o desempenho atlético dos homens; já nos esportes femininos, os aspectos físicos das atletas, a sexualidade, a delicadeza e os papéis perante a sociedade.

A exploração das imagens do corpo feminino aparece como objeto de pesquisa em três artigos que fazem a análise de revistas com temas voltados para o público feminino, como as



estratégias e os modelos de modificação e controle sobre o corpo. Em geral, esses trabalhos refletem a forma que as imagens de mulheres ditas perfeitas, com corpos magros e definidos, são expostas como um padrão de beleza a ser alcançado por todas as mulheres e utilizadas como meio de incentivar o consumo. As revistas educam não só pelo que exibem (fotos e desenhos divertidos), mas também pelo que silenciam (obesos, gordura, “feiúra”), elas trazem modelos de beleza, comparando padrões e pessoas. Os/as autores da pesquisa, maioria do sexo feminino, criticam o modo como as revistas analisadas lidam com o corpo feminino, sua banalização e as estratégias para formar um corpo feminino e moderno.

Outros dois artigos analisam, também, a influência da mídia na exploração e banalização do corpo feminino, sua influência sobre os corpos e sobre as estratégias para se alcançar o corpo “ideal”, entretanto, não investigam em revistas voltadas exclusivamente ao público feminino. Os autores dos textos, em geral, chamam a atenção para a mercadorização do corpo feminino e criticam o modo como o consumismo transforma-o em objeto “fútil, manipulável e tortuoso”, que está sujeito a estereótipos e representações e, por si só, não tem nenhum significado, sendo a mídia um dos propulsores deste pensamento.

A exploração, modificação e cuidados com o corpo feminino aparecem, também, em três artigos que não investigam as influências midiáticas. Os autores citam que o corpo, além de ser um produto social e cultural, passou a ser um marcador social e faz parte de mecanismos de “automonitoramento e autodisciplinamento”.

Foram encontradas oito pesquisas sobre as mulheres nos esportes, ou em práticas corporais diversas, analisando a mulher praticante ou apenas espectadora, bem como, sobre a ação da EF para elas. Um destes artigos, por exemplo, faz a análise dos livros de Sobrinho e de Kretzchmar, dos anos 30 e o papel da EF na construção do corpo feminino. Segunda a autora os livros analisados citam os papéis procriadores e eugênicos da mulher, pois seus autores “consideram fundamental um bom preparo físico, emocional e moral o que significa, também, ter um corpo saudável e aparentemente belo” (GOELLNER, 2001, p.37). A autora cita, de forma crítica, que a EF contribui para a construção e preservação dos papéis sociais considerados naturais para cada sexo, como a graça, a beleza do corpo, a delicadeza, a pureza feminina e a saúde, no caso da mulher.

Outros estudos encontrados nessa temática, em geral analisam o porquê das mulheres participarem de práticas corporais, citando, como tal, a importância da boa forma na conquista de emprego e de espaços, na autoconstrução, no bem-estar e na saúde. O esporte, apesar de ser um disseminador da imagem do corpo feminino sexualizado e do poder do corpo masculino e de



possibilitar a criação de estereótipos masculinos nas praticantes, pode ser um espaço para a construção das subjetividades e das identidades, para a emancipação social feminina e para a busca da liberdade e da igualdade de direitos da mulher, bem como, um espaço para a mulher sentir, agir e se representar. No entanto, as mulheres se encontram, ainda, no movimento paradoxal de serem livres e donas de si e enfrentarem aspectos como a tripla jornada de trabalho e os salários mais baixos, quando comparados aos homens, acomodando-se, ao que Bourdieu (apud VOTRE; VIGNE; LACERDA, 2008) chama de “dominação simbólica masculina”.

Sobre a construção social da estética em academias de musculação, encontrou-se dois artigos. Nesses espaços, os corpos valorizados são aqueles com equilíbrio nas formas, com músculos aparentes, porém, sem exagero. A eterna insatisfação com o corpo faz com que os praticantes de musculação se utilizem de estratégias muitas vezes prejudiciais a saúde, o corpo é tratado como máquina na qual é sustentada com esteróides anabolizantes e suplementos alimentares (SABINO; LUZ, 2007). Ambos os artigos criticam como os corpos esculpido são impostos à “classificações da realidade” que refletem em diferenciações de gênero e de classe, e como a aparência passa a fazer parte de um mercado, cuja lógica é o lucro.

Um artigo analisa a maternidade em programas de educação e saúde. A autora crítica a forma como a maternidade e a amamentação são “agraciadas” pela sociedade: citada em programas sociais como prioridade, e essencial à vida da mulher. Segundo a autora, e outras estudiosas da área, as políticas e programas que valorizam a maternidade e a amamentação, são baseadas na ciência masculina, branca, heterossexual e cristã, nas quais, colocam a mulher como o ser educador e as culpam em caso de fracasso na educação.

Outro artigo analisa o auto-conceito<sup>9</sup> sobre os estereótipos dos estudantes de um curso de EF, visto que, muitas mulheres são masculinizadas por praticarem alguns tipos de esporte, bem como ocorre a feminilização dos homens praticantes de esportes que exigem expressão corporal. Os resultados da pesquisa apontaram que existem muitas meninas que possuem o gênero diferente do sexo, com estereótipos masculinos, bem como homens com o gênero feminino, que segundo os autores, possuem características femininas, sem necessariamente serem homossexuais.

O movimento investigativo em torno do corpo das mulheres e da feminilidade levou ao desenvolvimento de estudos acerca da construção das masculinidades, como afirmam Silva, Botelho-Gomes e Goellner (2008), o que não aparece como elemento central nas pesquisas analisadas, apenas subjacente àquelas que investigam, especialmente, a mulher no esporte.

---

<sup>9</sup> Auto-conceito é a opinião e a representação que o homem tem de si próprio, é construído durante a vida e possui ação direta sobre seu cotidiano, ver Venâncio et al (2008).



A maioria dos 26 artigos encontrados têm suas bases teórico-metodológicas nos Estudos Culturais, de Gênero e da História do Corpo, onde ganham destaque como autores-referência Foucault, Goellner e Meyer. Goellner e Meyer são pesquisadoras e autoras<sup>10</sup> de trabalhos nessa categoria.

Michel Foucault, que transita do estruturalismo para sua desconstrução, o Pós-estruturalismo, passando por ambas as fases da história do pensamento ocidental, é um dos autores que, também nos estudos de gênero, tem oferecido bases para se pensar o sujeito em movimento, que ora se prende nas amarras da estrutura, ora é autor pleno da sua contemporaneidade. Essa dialética passa a ser explorada pelas perspectivas teóricas do gênero, a partir da inclusão do corpo, como terceiro termo na dialética entre discurso e poder, desenvolvida por Foucault (DOSSE, 2007).

Silvana Goellner é coordenadora do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS e do GRECCO, Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo, tendo sua produção voltada, entre outras, às questões do Corpo, Gênero, História do Corpo, História da Educação Física e do Esporte. Desenvolveu já uma vasta produção sobre história das mulheres no Brasil e suas representações na Educação Física.

Dagmar Estermann Meyer atua na linha de pesquisa “Educação, Sexualidade e Relações de Gênero”, mais especificamente com a temática “Políticas de Corpo e de Saúde: gênero, raça e nacionalidade”, no qual, se referencia nos campos da Educação e da Saúde, analisa processos de produção de corpos e identidades “saudáveis”, articulando gênero, raça e nacionalidade. Fundamenta-se, preferentemente, nas formulações teórico-metodológicas dos Estudos Feministas e Estudos Culturais, sob uma perspectiva pós-estruturalista.

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

A maioria das pesquisas evidenciam análises sobre o *corpo feminino* e focam, em boa parte, o que Murat (2008) já criticou como a objetificação do corpo feminino e a exaltação da estética na publicidade, que evidenciam como o debate sobre questões de gênero ainda se faz necessário. Da mesma forma, foram evidenciadas as relações machistas da mídia com o esporte, que discriminam e desrespeitam tanto as mulheres atletas, quanto o universo feminino, destacando-se, enfim, o esporte, ainda como território masculino.

Todavia, as investigações enfocadas vão desde a compreensão da construção histórica da imagem do corpo frágil feminino, passando pela resistência cultural, especialmente na área

---

<sup>10</sup> Ver Goellner (2001), Goellner; Figueira (2002), Damico; Meyer (2006), Meyer (2003).



esportiva, de aceitação dos corpos femininos esportivizados, até a valorização da estética corporal e da capacitação do corpo pelas mulheres, como formas atuais de empoderamento. Assim, as pesquisas também apontam “um movimento que permite re-significar o corpo como um potente marcador social da contemporaneidade” (DAMICO e MEYER, 2006, p. 103).

A partir do reconhecimento dos problemas apresentados pelas pesquisas – como a influência da mídia na formação de estereótipos e representações do corpo feminino, e da resistência por parte da sociedade, às mudanças sociais que possam fragilizar comportamentos historicamente assumidos – como na conquista feminina a espaços antes exclusivamente masculinos, entende-se a necessidade, cada vez mais premente, de avançar na pesquisa científica que possa subsidiar a construção de novas teorias, oferecer novas possibilidades de análise e subsidiar intervenções que possam promover rupturas na estrutura social vigente.

### *BIBLIOGRAFIA*

ANDRADE, Sandra S. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.1, jan./abr. 2003.

DAMICO, José. G. S.; MEYER, Dagmar. E. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valorização de cuidados corporais de jovens mulheres. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.27, n.3, p.103-118, mai. 2006.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. *O canto do Cisne*, Volume II. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

GOELLNER, Silvana V. A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, ano. XII, n. 16, mar. 2001.

GOELLNER, Silvana V.; FIGUEIRA, Márcia L. M. CORPO E GÊNERO: a revista capricho e a produção de corpos femininos. **Motrivivência**, ano XIII, n. 19, dez. 2002.

GONÇALVES, Helena C. B.; MUNARIM, Iracema; GONÇALVES, Michelle C. Discutindo masculinidade através da *Playboy*. **Motrivivência**, ano XIII, n. 19, dez. 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Adaptada por Lana Mara Siman. Porto Alegre: Artmed/Editora UFMG, 1999.

LESSA, Patricia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**, ano XVII, n. 24, jun. 2005.

MEYER, Dagmar E. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**, vol. 9, n. 3, set./dez. 2003.

MURAT, Kelly. Corpos e identidades midiáticos: o discurso das revistas femininas (impresas, eletrônicas e digitais) em pauta. Corpo feminino e mídia. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis: UFSC.





SABINO, César.; LUZ, Madel. T.. Ritos da forma. A construção da identidade fisiculturista em academias de musculação na cidade do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, vol. 3, n. 1, jan./jun. 2007.

SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula; GOELLNER, Silvana V. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 22, n. 3, jul./ago. 2008.

SOUZA, Juliana. S. S.; KNIJNIK, Jorge. D.. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 21, n. 1, jan./mar. 2007.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3ª ed. Trad. Ricardo Petersen [ et al.]. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VENÂNCIO, Patricia. E. M.; et al. O perfil de auto-conceito de gênero dos alunos do curso de Educação Física. *8º Fórum Internacional de Qualidade de Vida e Saúde – 2008*. **JOPEF**. Curitiba: Korppus, v. 1, n. 3, ano 3, 2008.

VOTRE, Sebastião J.; VIGNE, Joana A.; LACERDA, Yara. Mulheres da rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho. **Movimento**, vol. 14, n. 3, 2008.